

DIVERSIDADE NAS EPISTEMOLOGIAS DE PESQUISAS SOBRE PODCASTING COM PERSPECTIVA DE GÊNERO¹

DIVERSITY OF EPISTEMOLOGIES OF RESEARCH ABOUT PODCASTING FROM A GENDER PERSPECTIVE

Daniela Borges de Oliveira²

Resumo: A pesquisa analisa o Estado da Arte de artigos científicos que estudam podcasts sob perspectivas de gênero, em periódicos listados pela Compós. O objetivo é compreender quem produz este conhecimento e com quais enfoques teóricos-metodológicos e de gênero. Para isso, foi aplicado questionário a cada artigo para verificar, dentre outros: identificação da autoria, publicação em dossiês, vinculação com instituições, objetos ou sujeitos pesquisados e principais referências. Os estudos são separados nas categorias: 1) o fenômeno amplo do podcasting e 2) análise de podcasts específicos. Os resultados apontam baixa produção, com 18 artigos sobre a temática, de 2020 a 2024, com ênfase no aumento recente de publicações. Destacam-se a presença de autoras mulheres, em especial podcasters que adentraram o ramo acadêmico, e uso expressivo de mulheres nos referenciais. Simultaneamente, são escassas perspectivas mais diversas de gênero quanto, por exemplo, à não-binariedade e pessoas trans.

Palavras-Chave: Estado da Arte. Epistemologias. Gênero. Podcast. Mulheres.

Abstract: This research analyzes the state of the art of scientific articles that study podcasts from a gender perspective published in journals listed by Compós. The objective is to understand who produces this knowledge and with which theoretical-methodological and gender approaches. For this, a questionnaire is applied to each article to verify, among other things: identification of authorship, publication in dossiers, relation with institutions, objects or subjects researched and main references. The studies are separated into categories: 1) the broader phenomenon of podcasting and 2) analysis of specific podcasts. The results show low production, with 18 articles on the subject, from 2020 to 2024, with a recent increase of publications. There is a prominent presence of women authors, especially podcasters who have entered academic field, and significant use of women in the references. Simultaneously, there are few perspectives more diverse on gender, such as non-binary and trans people.

Keywords: State of the art. Epistemologies. Gender. Podcast. Women.

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Estudos Radiofônicos. 34º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba - PR. 10 a 13 de junho de 2024.

² Doutoranda na Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e Mestra em Comunicação pela mesma instituição. Professora bolsista nos cursos de Jornalismo e Comunicação: Rádio, TV e Internet da Unesp. E-mail: db.oliveira@unesp.br.

1. Introdução

O trabalho é parte de investigação em andamento, para levantar e analisar epistemologias presentes no estado da arte de artigos científicos sobre o fenômeno do *podcasting* com perspectivas de gênero. Tal visada complementa a recente discussão de Lopez, Betti e Freire (2024) sobre a baixa diversidade epistemológica nos estudos radiofônicos no Brasil, em especial com olhar interseccional. Nesta pesquisa, a categoria de gênero é entendida como relacional (Rago, 2019) e não-dicotômica (Lugones, 2012), buscando desnaturalizar uma visão colonial eurocêntrica, racista e heteronormativa da divisão binária homem-mulher. Gênero é categoria localizada histórica, social, política e culturalmente. Assim, o gênero se constitui nas relações entre sujeitos na sociedade, sujeitos com identidades atravessadas por diversos marcadores como raça, sexualidade, regionalidade, entre outros, que se moldam de forma relacionada e complexa e interseccionada (Collins e Bilge, 2020). O objetivo é refletir questões sobre *quem* está contribuindo na criação deste conhecimento sobre *podcasts* e gênero, *sobre o que* falam em suas pesquisas, *como* decorrem estas discussões e *onde* se localizam. Para isso, aponto aparatos teórico-metodológicos utilizados, bem como as abordagens de gênero acionadas e como estas contribuem para seus resultados.

É baixa a produção bibliográfica sobre gênero e *podcasting* a nível de pós-graduação, especialmente quanto à intersecção com raça, sexualidade, regionalidade e corpos dissidentes. Das teses e dissertações de pós-graduações em Comunicação no Brasil, entre 2012 e 2021 só uma dissertação tratou a podosfera sob olhar feminista: “#Mulherespodcasters: uma análise da resistência feminista na podosfera brasileira” (2021), de Alice Silva. A única na abordagem racial foi a dissertação “Enegrecendo a pauta: mulheres negras, afeto e resistência na podosfera brasileira” (2021), de Aldenora Cavalcante, defendida na Universidade do Porto (Lopes e Silva, 2023, Oliveira 2023).

Nos Encontros Anuais da Compós de 2015 a 2020, a mesma escassez foi observada pelas autoras Silva e Pinheiro (2022), que constataram a inexistência de trabalhos sobre *podcast* e gênero, apesar das duas décadas de existência do formato. Convencionou-se o marco de 2004 como surgimento dos *podcasts*,³ modalidade de nicho que explora os mais variados temas desde sua origem como notícias, relatos pessoais e registro de músicas, até a diversidade atual

³ Apesar deste consenso, nas repetidas figuras de Dave Winer e Adam Curry como criadores dos *podcasts* e Ben Hammrsley sobre ao termo *podcasting*, esta origem vem sendo reavaliada no livro *Cultura do podcasting* (2024) de Marcelo Kischinhevsky.

de narrativas de ficção, sobre crimes reais, meditação, maquiagem, crítica cultural, entre outros. Nos primeiros anos de *podcasting* já haviam investigações de pesquisadores/as brasileiros/as que buscavam compreender suas características tecnológicas de produção e distribuição (Lemos, 2005; Primo, 2005). Por sua vez, a também pioneira Gisela Castro (2005) apontava o *podcasting* como fenômeno cultural.⁴ Existe, portanto, um descompasso da existência dos *podcasts* e das investigações no campo quanto ao início do olhar para gênero neste fenômeno.

Vale apontar que boa parte das pesquisas sobre *podcast* não se restringem à Comunicação: Couto e Martino (2018) mostram que na busca por teses e dissertações do banco de dados da CAPES, de 2006 a 2017, menos da metade das que analisam *podcasts* eram da Comunicação, estando o maior número na área de Educação. O mesmo é relevado por Prata, Avelar e Martins (2021) em levantamento na *Web of Science*, de 2005 a 2017. Considerando tais levantamentos anteriores, existe ainda uma necessidade de olhar para artigos científicos em periódicos brasileiros, especialmente na compreensão do estado das pesquisas sobre *podcast* e gênero na Comunicação.

A presente pesquisa traz contribuições diferidas no tempo, realizadas por colegas pesquisadoras e pesquisadores das mídias sonoras que ajudaram a aprimorar a delimitação de objetivos e ferramentas metodológicas. Resultados parciais foram apresentados no Grupo de Interesse (GI) *Radio y Medios Sonoros* no XVII Congresso Latino-Americano de Pesquisa em Comunicação e na disciplina *Epistemes plurais na pesquisa em Comunicação* oferecida pela pós-graduação em Comunicação na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).⁵ A sistematização dos dados se inspirou em questionário aplicado no Projeto de Pesquisa Coletivo *El podcast en el ecosistema mediático de América Latina y el Caribe*.⁶

Antes apresentar metodologia e análises, é relevante indicar a localização de saberes da pesquisadora: parto de uma vivência privilegiada, como mulher cis, branca, sudestina, que viveu a maior parte do tempo dentro de padrões heteronormativos e econômicos relativamente confortáveis. Tal pesquisa é, portanto, um desafio de ampliação do olhar e busca por contribuir com o campo da radiofonia ao investigar epistemologias plurais de recentes pesquisas. É neste

⁴ Todos estudos republicados com revisões em 2024, no dossiê *Pioneirismo nos estudos em podcasting* da *Revista Radiofonias*.

⁵ Agradeço as contribuições de Débora Lopez, João Batista de Abreu Júnior, Daniel Gambaro e Nélia del Bianco na apresentação ao GI do Congresso ALAIC, e revisões da professora Juliana Gobbi Betti, que ministrou a disciplina no PPGCOM da UFOP.

⁶ Projeto do GI da Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação (ALAIC), coordenado por Nair Prata, Nélia Del Bianco, Graciela Martínez Matías e Agustín Espada.

sentido que trazer à discussão o trabalho no Encontro Anual da Compós é mais uma tentativa de construir esta pesquisa com olhares e vozes diversas.

2. Caminho metodológico: Estado da Arte sobre *podcast* e gênero

Para a construção do *corpus* de análise, o percurso metodológico se iniciou com a delimitação das 84 revistas científicas, presentes na lista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós)⁷, como principais bases de dados para a busca. A escolha se dá pela relevância da associação em âmbito nacional, que gera credibilidade à presença na lista, e em razão de o site de cada revista possibilitar um olhar mais atento aos temas dos artigos. Não foi utilizado o portal Periódicos CAPES devido à falta de um filtro para “Comunicação”, gerando uma listagem numerosa de resultados para o termo “*podcast*” que poderiam ser de outras áreas, como a Educação.

A primeira etapa foi, então, buscar o termo “*podcast*” nos campos de pesquisa de cada periódico, sem filtros adicionais, o que rendeu um total de 216 resultados em 59 das revistas. A segunda etapa foi filtrar os resultados, limitando achados a artigos científicos⁸ que contivessem no resumo e/ou palavras-chave, além do título, termos relacionados com o tema: “*podcast*”, “*podosfera*” ou nome de programas. Dessa forma, chega-se a um total de 121 artigos. Este percurso demonstrou, na prática, que restringir um período de tempo para a busca era irrelevante, devido a uma quantidade relativamente baixa de resultados.

Considerando a noção de gênero como não-limitante das formas de existência, a pesquisa se inspirou na compreensão de instabilidade de categorias analíticas de Sandra Harding (1993) para a identificação de terminologias de gênero. Os próprios resultados trouxeram terminologias de gênero, não definidas antecipadamente, de forma que em títulos, resumos e palavras-chave foram encontrados os seguintes termos e relações ligados à discussão: “mulher”, “não-binário”, “gênero”, “feminismo” e “feminista”. Uma imposição *a priori* de terminologias de “gênero” só serviria para uma distinção que alimenta a divisão entre aqueles considerados humanos dignos contra pessoas que foram historicamente animalizadas e exploradas. Vale lembrar que não foi incluído o termo “gênero” como referência textual ou

⁷ Levantamento realizado até 2 de outubro de 2024. Não foi possível acessar a *Brazilian Journal Of Technology, Communication, And Cognitive Science*. Adicionada a *Revista Interfaces da Comunicação*.

⁸ Excluídas: entrevistas, ensaios, apresentação, infográficos, experiências em sala, resenhas e repetições.

discursiva. Finalmente, tal afunilamento revelou 18 artigos (TAB. 1), publicados de 2020 a 2024, que trabalham o tema do *podcasting* com perspectiva de gênero.

Para a análise deste *corpus*, foi aplicado questionário⁹ em cada artigo para sistematizar dados essenciais da publicação e autoria (*quem publica*), sendo: ano de publicação, revista, nomes dos autores, suas instituições, identificação da autoria (por exemplo, com pronomes), se era parte de dossiê e projeto de pesquisa. Quanto ao *sobre o que* publicam, foram estabelecidas duas categorias inspiradas no projeto de pesquisa coletivo da ALAIC, sendo os artigos divididos segundo o “objeto” das pesquisas: 1) que analisam o fenômeno do *podcasting* de forma mais ampla ou 2) que estudam programas ou episódios de *podcasts* específicos. Ambas são complementares e não se excluem, mas mostram tendências centrais dos estudos. Além disso, foram identificados enfoques teórico-metodológicos (o *como* se realizou a pesquisa), referências e autorias mais citadas em cada trabalho, presença de diversidade de gênero nas referências (quando possível), e abordagens de “gênero” de cada artigo.

TABELA 1

Estado da Arte: autoria e respectivos artigos em ordem crescente do ano da publicação

Nº	Autoria (ano)	Artigo
1	Gonzatti e Machado (2020)	Um Milkshake Chamado Wanda: o <i>podcast</i> e a discussão de gênero no jornalismo de cultura pop
2	Bitencourt e Torres (2021)	Representação Feminina em Animações Japonesas e sua Problemática: uma Análise do <i>Podcast</i> Otaminas
3	Crisóstomo, Melo e Terso (2022)	TICs, Raça, Mulheres e Territórios o <i>podcast</i> Ondas da Resistência como ocupação das plataformas digitais em uma perspectiva interseccional
4	Silva e Malta (2022b)	Vozes femininas nas mídias sonoras: As interseções entre trabalho e relações de gênero no <i>podcast</i> e no rádio
5	Cavalcante e Reis (2022)	A influência do feminismo negro na podosfera brasileira
6	Silva e Pinheiro (2022)	A pesquisa sobre <i>podcasting</i> na perspectiva de gênero um olhar para os trabalhos apresentados na Compós (2015-2020)
7	Hack e Lima (2022)	Militância <i>Podcaster</i> Feminista: Um Exercício Etnográfico
8	Silva e Malta (2022a)	Mulheres <i>podcasters</i> : atuações feministas na podosfera brasileira
9	Sales e Nunes (2022)	Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas <i>Podcast</i>
10	Torquato (2023)	A não-binaridade em <i>podcasts</i> brasileiros: existências políticas dissidentes, diálogo e construção da autodeterminação identitária

⁹ Devido ao limite do texto, não se opta pela inserção do questionário completo. Para mais esclarecimentos contatar a autoria.

11	Carlos e Santos (2023)	Ativismos feministas as apropriações da mídia <i>podcast</i> para a mobilização e o empoderamento de mulheres no ciberespaço
12	Gorini Oliveira (2023)	Carta para ELAS um estudo sobre práticas de comunicação não-hegemônica para mídia sonora
13	Martinelli e Buogo (2023)	“Do lugar da ouvinte, nasceu a <i>podcaster</i> ” experiências, competências e atuações de mulheres na podosfera
14	Brito et al. (2023)	Análise do perfil de ouvintes e dos módulos mais populares do curso online “feminismos: algumas verdades inconvenientes”
15	Lopes e Silva (2023)	Cultura oral e mulheres negras no <i>podcast</i> “Nia”
16	Jácome, Matias e Santos (2023)	Temporalidades anticoloniais nos <i>podcasts</i> Conversa de Portão, Praia dos Ossos e História Preta
17	Vaz Chagas, Viana e Silva (2024)	Plataformização e rádio expandido as redes coletivas de <i>podcasts</i> no contexto das plataformas
18	Hack (2024)	Mulheres <i>podcasters</i> : entre narrativas feministas e comunidades virtuais

FONTE – Elaborado pela autora (2025).

Dos 18 artigos, 13 foram publicados em dossiês de revistas. A *Revista Radiofonias* publicou o maior número de artigos, todos em dossiês, sendo também a pioneira. Em seguida, a *Revista Eco-pós* e a *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación* publicaram dois artigos em dossiês, em diferentes anos cada uma. *Anagrama*, *Temática*, *Intercom*, *Âncora* e *Interfaces da Comunicação* publicaram um artigo cada, em temas livres. Os demais periódicos publicaram um artigo, respectivamente, em dossiês, com recorrência nos temas de gênero; metodologia, como etnografia; abordagem teórica, como decolonialidade; ou campo de estudos, como jornalismo ou rádio:¹⁰

a) *Radiofonias: Podcasting e Remediação da Linguagem Radiofônica* (2020: 1); *Rádio e gênero* (2022: 3);

b) *Eco-Pós: Etnografias da Mídia e do Digital* (2022: 1); *Visualidades: estéticas, mídias e contemporaneidade* (2023: 1);

c) *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación: Comunicação e Gênero na América Latina* (2022: 1); *Sentido, relevância e papel do rádio no ecossistema midiático digital em cenário de plataformização* (2023: 1);

d) *Fronteiras: Interseccionalidade e Plataformas Digitais* (2022: 1);

e) *Ação Midiática: Mídia e Gênero: Novos Olhares* (2023: 1);

f) *Pauta Geral: Jornalismo e Decolonialidade* (2023: 1);

¹⁰ Na lista, entre parênteses estão o ano e quantidade de artigos publicados: (ano: nº de artigos).

g) Organicom: Mulheres e Feminismos: teorias, reflexões e processos comunicativos (2022: 1);

h) Estudos em Jornalismo e Mídia: Jornalismo Artificial? (2023: 1).

As pesquisas se concentraram majoritariamente em instituições de ensino superior das regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, respectivamente – o que foi percebido avaliando a assinatura de cada autoria. As instituições de origem que mais publicaram sobre foram a Universidade Federal de Sergipe (UFS) e a Universidade de Ouro Preto (UFOP). Devido às limitações deste artigo, não são aprofundadas relação entre tais localidades com a escolha dos objetos e sujeitos pesquisados nos artigos.

Foi possível constatar, ainda, a presença de quatro pesquisadoras e pesquisadores bolsistas: da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão – FAPEMA, e da Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia do Estado de Pernambuco – FACEPE. Porém, outras formas de financiamento não foram reveladas diretamente nos artigos.

2. Enfoques teóricos-metodológicos encontrados

Percursos teóricos não se separam totalmente dos metodológicos em cada estudo, mas devido às limitações do texto, a divisão destes dois eixos facilitar a percepção de algumas tendências: qual ferramental/caminho metodológico foram traçados e quais bibliografias/eixos teóricos são utilizados. As terminologias utilizadas seguem as indicadas pelos próprios textos.

Existe uma grande variedade de métodos escolhidos, sendo a abordagem qualitativa a preferida – somente um artigo se define exclusivamente por abordagem quantitativa. Neste cenário, destaca-se a maior presença de metodologias referenciadas em mulheres: a Análise Audioestrutural do *Podcast*, criada por Roseane Pinheiro, Izani Mustafá e Gessiela da Silva (Lopes e Silva, 2023), a Análise Temática e de Conteúdo de Laurence Bardin (Silva e Malta, 2022a; 2022b), a Análise de Enquadramento de Rayza Sarmiento e a Etnografia digital, de Christine Hine (Hack e Lima, 2022).

Dos 18 trabalhos, somente 3 indicam a pesquisa exploratória, sendo que 2 deles a usam como uma ferramenta para levantar *podcasts* ou nomes de produtoras mulheres para a construção do *corpus* de suas pesquisas. A partir disso, é possível inferir que: a) existe um caminho de maturidade das pesquisas na área, já que os artigos avançam em formatos mais

aprofundados de pesquisa; b) ao mesmo tempo, isso pode estar relacionado a uma falta de abordagens mais plurais de gênero, já que a única pesquisa exploratória por completo, e não só como etapa metodológica, se trata do também único estudo sobre a não-binaridade em *podcasts* (Torquato, 2023). Esta é uma das pesquisas que mais trabalha o “gênero” como conceito a partir de suas referências teóricas, não tomando a noção de “mulher” como universal.

Prevalecem os estudos de mulheres pesquisadoras que realizam pesquisas implicadas, ao vivenciarem a produção dos *podcasts* analisados ou por utilizarem metodologias participativas, como experiências etnográficas e uso de cadernos de campo (Hack e Lima, 2022; Hack, 2024; Martinelli e Buogo, 2023; Vaz Chagas, Viana e Silva, 2024; Carlos e Santos, 2023). Outra estratégia recorrente foi a aplicação de entrevistas semi-estruturadas e em profundidade (Silva e Malta, 2022a; 2022b; Martinelli e Buogo, 2023; Carlos e Santos, 2023), e questionários com respostas abertas (Hack e Lima, 2022; Hack, 2024). Tais escolhas podem estar relacionadas com a corporificação nas pesquisas, visto a recorrência de métodos que colocam pesquisadoras e pesquisadores em diálogo direto com as interações e respostas dos sujeitos observados. Apesar desta grande presença de metodologias de contato entre pesquisador-pesquisado, no período uma única pesquisa recorreu a Comitê de Ética em Pesquisa.

Algumas autoras se colocam no texto com escrita pessoalizada, em primeira pessoa, como Suewellyn Sales e Patrícia Nunes (2022), que usam uma análise descritiva alinhada à noção de escrevivência de Conceição Evaristo; Gorini Oliveira (2023) utiliza uma metodologia epistolar, usando depoimentos através de cartas e também se fazendo presente no texto; o mesmo é observado em Maryellen Crisóstomo, Paulo Melo e Tâmara Terso (2022). A escolha da escrita pessoal foi frequentemente observada em artigos de pesquisadores e pesquisadoras negras e de povos tradicionais.

Diferentes metodologias aparecem pontualmente, como a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais, de Ronaldo Henn, e a Análise de Discurso de Linha Francesa de Dominique Maingueneau e Patrick Charandeau. Também se apresentaram a pesquisa documental, a análise descritiva, a observação participante e métodos mistos. Somente uma pesquisa não sinaliza metodologia utilizada.

Quanto aos eixos teóricos, com frequência bibliografias específicas sobre *podcasting* aparecem, com referência à área do Rádio e Mídias Sonoras (72% dos trabalhos), a partir das autorias: Aldenora Cavalcante, Alê Primo, Alice dos Santos Silva e Renata Barreto Malta, Briana Nicole Barner, Débora Cristina Lopez, Eduardo Meditsch, Kris Markman e Caroline

Sawyer, Luãn Jose Vaz Chagas, Lúcio Luiz e Pablo de Assis, Luiz Artur Ferraretto, Marcelo Kischinhevsky e Micael Herschmann, Mia Lindgren, Nair Prata, Photini Vrikki e Sarita Malik, Richard Berry, Tiziano Bonini, Yasmeen Ebada e Kim Fox, Yasmin Winter e Luana Viana. Destaca-se aparecimento frequente das pesquisadoras brasileiras Débora Lopez e Luana Viana, dentre as mais citadas em dois artigos (Gonzatti e Machado, 2020; Silva e Pinheiro, 2022).

Existe uma recorrência nos referenciais sobre gênero, que perpassam discussões mais amplas sobre mulheres e Feminismos (94%), referenciando autoras como Ana Carolina Escosteguy, Cecília Sardenberg, Cinzia Arruzza e Tithi Battacharya, Cristiane Costa, Domenica Mendes (entrevista sobre #OPodcastÉDelas), Donna Haraway, Helena Hirata e Danièle Kergoat, Júlia Araujo, Marcia Moraes e Alexandra Tsallis, Maria Bogado, Nancy Fraser, Paula Coruja, Quesia do Carmo e Edvaldo Couto, Rayza Sarmento, Rita Laura Segato, Simone de Beauvoir, Sonia Alvarez, Susan Ferguson e Veneza Ronsini.

Avançando esta abordagem, o Feminismo Negro e a Teoria da Interseccionalidade (61%) são recortes mais recorrentes neste agrupamento. Ou seja, há uma tendência de o olhar sobre o gênero ser interseccionado principalmente raça, para pensar mulheres negras, ribeirinhas e quilombolas. São acionadas de forma mais numerosa nas bibliografias as autoras: Angela Davis, Audre Lorde, Beatriz Nascimento, bell hooks, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Grada Kilomba, Lelia González, Sojourner Truth, Sueli Carneiro. No debate interseccional, especificamente, aparecem Carla Akotirene, Kimberlé Crenshaw Patricia Hill Collins e Sirma Bilge.

Em menor número, a abordagem teórica queer é trazida em 11% dos artigos, especialmente com referência em Judith Butler e Paul Preciado. A discussão de gênero em perspectiva decolonial e anti-colonial aparece em 16% dos trabalhos, com bibliografias de Catherine Walsh, Gayatri Spivak, Katiúsca Ribeiro, María Lugones, Oyèrónkẹ Oyěwùmí e Rivera Cusicanqui.

Os artigos nem sempre elucidavam seu(s) entendimento(s) de gênero a partir de eixos teóricos ou bibliografias específicas. O nome dos e das autoras foi pesquisado à parte para compreensão da diversidade presente nos referenciais, porém nem sempre foi possível perceber a presença, por exemplo, de homens trans, mulheres trans e não-binários. Neste sentido, é possível indicar trabalhos que destacam a presença de mulheres autoras em suas referências: Silva e Malta (2022a, 2022b), Cavalcante e Reis (2022) e Hack e Lima (2022) têm, dentre as cinco obras mais citadas, a presença única de mulheres autoras. No caso de Sales e Nunes

(2022), todas as referências bibliográficas utilizadas são de autoria de mulheres. Algo incomum nas pesquisas sobre *podcasting* em geral.

Outras abordagens temáticas são acionadas pontualmente, como discussões sobre plataformização, cultura pop, cultura dos mangás, cultura das redes, cultura oral e sociologia do trabalho – cada qual acionando teorias e autorias específicas.

Como apontado, existe uma dificuldade de identificar identidades plurais nos referenciais teóricos, se pesquisadoras e pesquisadores não derem destaque a tal informação. Isso pode ser mais um fator na percepção de que a maioria das pesquisas sobre gênero ainda prioriza o olhar para mulheres, sendo menores as discussões que envolvem pessoas trans e não-binárias. O único momento em que foi possível distinguir isso, em razão de conhecimento prévio, foi na citação a Alê Primo, que foi referenciada em artigo ainda com o antigo nome.

Mesmo nos artigos que pesquisavam sujeitos-mulheres¹¹, não foi uma tendência apontarem se estas eram pessoas cis ou trans. Longe de querer reforçar a diferença, o achado leva à reflexão se este não seria um possível “vício”, de um olhar marcado sobre a mulher cis como gênero universal.

As epistemologias utilizadas são bastante diversas, o que é possível perceber não só pela variedade de caminhos teóricos e metodológicos utilizados, como pela presença cada vez maior de mulheres produtoras de *podcasts* na autoria dos artigos. A reflexão sobre a prática do *podcasting* terá um olhar diferenciado partindo de *podcasters* que atuaram em todas as etapas de construção e distribuição de programas – seus próprios, analisados nas pesquisas, ou de outros *podcasts* – comparado a pesquisadoras e pesquisadores de dentro da academia e que não possuem experiência de produção. Alguns artigos incluem relatos de produção, e são poucos os que não somam ao relato um olhar crítico.

3. Perspectivas de gênero e contribuições para análises

Pesquisadoras são a maioria na autoria dos artigos levantados, e na maioria dos textos elas estão construindo conhecimento coletivamente, sendo a média duas pesquisadoras assinando juntas: 29 mulheres assinam 17 dos trabalhos. Desse total, é possível identificar a partir dos textos no mínimo 3 mulheres negras autoras (assim se identificam). Dos homens, somente um autor aparece em texto indicando ser negro (Crisóstomo, Melo e Terso, 2022). O

¹¹ Uso o termo para evitar chama-las de objetos de pesquisa, evitando coisificar o olhar sobre os grupos e pessoas analisadas em cada pesquisa.

único trabalho não assinado com mulheres é o artigo pioneiro, produzido por pesquisadores “gays” (Gonzatti e Machado, 2020, p.162), o que traz outro olhar para o tema. Não houve identificação de pessoas trans ou não-binárias.

Quanto às noções de gênero acionadas, a maioria dos estudos insere o conceito com discussões sobre mulheres na pódosfera, e nesse sentido surgem pesquisas com ênfase em mulheres negras, sobre atuações feministas ou sob influência de feminismos, sobre mulheres de povos tradicionais e mulheres que viveram o cárcere. Como exposto, para facilitar a compreensão das abordagens de gênero os estudos foram separados em duas categorias: 1) sobre o fenômeno do *podcasting*, que inclui levantamento de estudos, discussão de feminismos na pódosfera por meio de entrevistas, observando perfis de redes sociais e no contato com redes de divulgação coletivas; e 2) que estudam programa(s) específico(s) de *podcast*, observando narrativas dos episódios, avaliando experiências de recepção e/ou produção. O estudo delimitado de um ou mais *podcasts* é o mais recorrente, sendo presente em 10 dos 18 trabalhos.

A) Discussões amplas sobre o fenômeno do *podcast*

Um dos estudos é o levantamento de trabalhos sobre *podcast* e gênero nos Anais da Compós, de 2015 a 2020 (Silva e Pinheiro, 2022). Em sua abordagem, gênero é forma de entender a organização social da relação entre sexos, segundo Maria Eunice Guedes. Tal entendimento se soma às discussões de Paula Coruja, Ana Carolina Escosteguy e Céli Regina Pinto. Sua maior contribuição é mostrar que não houve trabalhos sobre o tema no período, em detrimento de estudos que observavam somente *podcast* ou somente gênero. Débora Lopez e Luana Viana se destacaram na pesquisa sobre rádio e *podcasting*. Enquanto que em pesquisas que só discutiam gênero, a maior referência é Judith Butler, seguida de Kimberlé Crenshaw, Angela McRobbie, Flávia Biroli, Sueli Carneiro, Ana Carolina Escosteguy, Margareth Rago e Heleieth Saffioti.

De todos os trabalhos, 6 artigos (33%) se dedicaram a compreender as lutas e debates feministas na pódosfera brasileira. Todos escritos exclusivamente por mulheres, sendo Alice Silva e Renata Malta (2022a, 2022b), e Aline Hack (2024; e Lima, 2022) as que mais publicaram a respeito.

A partir de entrevistas com *podcasters* mulheres, Alice Silva e Renata Malta buscaram compreender a relação delas com seus programas, dificuldades e barreiras de gênero encontradas – a maioria das respostas eram de mulheres cisgênero e brancas. Gênero aparece

para problematizar o campo do rádio e *podcasts*, sobre hierarquia sexual do trabalho, em que mulheres foram historicamente invisibilizadas nesses espaços. Trabalham a exclusão de gêneros, corpos dissidentes e feminilizados no ambiente da podosfera e a luta feminista das produtoras por meio de *hashtags*. Das respostas, inferem como o gênero está presente nas barreiras para a dedicação integral aos *podcasts*. Por fim, avaliam a ausência de olhar racializado pelas entrevistadas. Também Silva e Malta (2022a) escrevem a partir de entrevistas especificamente sobre o feminismo na podosfera. Não abordam uma só vertente feminista, mas buscam discutir a potência da presença de mulheres na podosfera e suas motivações. O texto fixa-se na noção de mulher, mas perpassa de forma interseccional raça, localidade, maternidade e escolaridade. Percebem o feminismo como incentivo criador de programas, mesmo quando produtoras não se dizem feministas, e que existe vontade compartilhada das *podcasters* em ocupar espaço na mídia, para dar voz a outras mulheres. Ao final, avaliam a ausência de maior pluralidade nas respostas, como de mulheres negras, transgênero e travestis.

Por sua vez, Aline Hack e Angelita Lima (2022) realizam uma etnografia da militância feminista na podosfera brasileira, usando questionários. Mais do que tratar especificamente de “gênero”, o enfoque é descobrir se feminismos estão relacionados com a produção de *podcasts* por mulheres, para descobrir se existe um fio condutor de conteúdos e militâncias. Concluem que sim, mulheres se engajam com movimentos feministas, como interseccionais, brasileiros e latino-americanos, além de temas de direitos humanos. As autoras (Hack e Lima, 2022) apontam crescimento de mulheres de grupos étnico-raciais que querem se comunicar de novas formas, para terem representação e viabilizar mobilizações. Em outro momento, Hack (2024) discute “gênero” em sua relação com “mulher” e “feminismo”, em artigo teórico e com presença corporificada. O foco é o debate sobre espaços coletivos feministas e de lutas políticas das *podcasters*, para mostrar que a podosfera é um território histórico e de memória para construção de lugares coletivos seguros, e para pedagogia, autocrítica e revisão de conhecimentos.

Fernanda Martinelli e Sarah Buogo (2023) discutem trajetórias e experiências profissionais, afetividade e outras questões que vivem produtoras e *hosts* entrevistadas. Aqui, gênero aparece para afunilar a escolha e seleção das *podcasters*, para falar sobre a presença masculina na podosfera e a iniciativa *#MulheresPodcasters*. Dentre os achados, apontam a escuta de *podcasts* como motivação para criar programas, em um exercício de pedagogia da prática, e observam relação entre a atuação de *podcasters* com a de jornalistas, quanto à rotina

e às práticas produtivas. Para as autoras, o *podcast* é um trabalho artesanal, visto de certa forma como inferior a um trabalho institucional, inclusive pelas dificuldades de rentabilizar o produto. O estudo poderia explorar mais o entendimento da relação do gênero com os depoimentos, para refletir experiências biográficas, possibilidades e barreiras da atuação profissional dessas mulheres.

Luân Chagas, Luana Viana e Antonio Silva (2024) trazem importante contribuição para a compreensão da *podosfera*, ao problematizar como a plataforma atua dando destaque ou não a determinados *podcasts*, e quais as estratégias usadas para combater a exclusão. Avaliam a experiência de redes de divulgação coletiva de *podcasts* no Brasil: *#PodcatersNegros*, *#MulheresPodcasters*, *#LGBTPodcasters*, *@FIO-Rede Ativista de Vozes*, *#RedeNordestinadePodcasts* e *#OPodcastÉDelas*. O gênero não é o único foco, já que estudam vários ângulos sobre grupos subalternizados, como em relação à sexualidade LGBTQIAPN+, regionalidade nordestina, raça no olhar para negros e ativistas diversos. São as entrevistas que acionam as categorias de vivências marginalizadas – nelas, avaliam os problemas da plataforma para esses grupos, com reforço à invisibilização decorrente dos algoritmos, e apontam as redes coletivas como estratégias contra essa exclusão.

Por fim, Luiz Carlos e Maria Santos (2023) discutem ativismos feministas na *podosfera* a partir do perfil *Olhares podcast* no *Instagram*, com entrevistas à pesquisadora e *podcaster* Aline Hack e seus seguidores. O gênero aparece na discussão ampla sobre feminismos, relacionado à perspectiva interseccional do próprio *podcast*. Tal conceito ajuda na análise ao demonstrar a contribuição do programa com lutas e consciência feminista, ainda que problematizem fragilidades em relação a classe, raça, regionalidade.

B) Estudo delimitado de *podcasts*: narrativas, produção e recepção

Christian Gonzatti e Felipe Machado (2020) foram os primeiros a publicarem sobre o tema, e analisam os significados de “sexualidades” e “gêneros” no *podcast Um Milkshake Chamado Wanda*. Para isso, retomam o debate histórico da dicotomia do sexo biológico, por Linda Nicholson, e com Judith Butler colocam o gênero como construção social, um contínuo fazer, e performativo. Assim, percebem que o programa problematiza formas normativas de existir e apresenta possibilidades de fazer outros sentidos circularem. Definem o *podcast* como antirracista, feminista e LGBTQ, e como um programa que possui o gênero “feminino” e sexualidade “gay” (Gonzatti e Machado, 2020, p. 179).

Para problematizar representações femininas em animações japonesas, Evelin Bitencourt e Carla Torres (2021) analisaram episódios do *podcast Otaminas*, sem se prender a referências específicas de "gênero", assumindo uma crítica ao feminismo ocidental branco e contra a fetichização do estupro, temas no programa. As questões de gênero aparecerem no próprio material analisado. As autoras se alinham a valores de igualdade de gênero, antirracismo e classismo, contra violência e divisão binária de homem e mulher, e atentam para formas de olhar para além do feminismo ocidental branco. O texto se constrói mais pelo posicionamento e conhecimento das autoras do que com bibliografias específicas de feminismo e gênero.

Aldenora Cavalcante e Ana Isabel Reis (2022) são responsáveis por enegrecer o olhar feminista, analisando os *podcasts Afetos* e *Kilombas* a partir do feminismo negro e da interseccionalidade, para pensar gênero interseccionado com raça, classe, saúde mental, entre outros. Identificam que as narrativas destes *podcasts* buscam construir pluralidade, ao mesmo tempo que fortalecer a individualidade das mulheres negras, tornando-as sujeitas de suas próprias narrativas. O entendimento de gênero interseccionado está presente nos atravessamentos identitários das produtoras e nos conteúdos trazidos dos *podcasts*, que contribuem para uma podosfera negra.

Também Suewellyn Sales e Patrícia Nunes (2022) tratam do *podcast Kilombas*, acionando o debate interseccional a partir do olhar feminista negro, pensando entrelaçamentos entre classe, raça e gênero. Trazem nas lutas das mulheres negras, em Lélia Gonzalez, a discussão sobre “sexo”, raça e classe: antes da nomenclatura de gênero se tornar usual. As autoras problematizam o patriarcado, o capitalismo e o sexismo, além das formas de representação da mulher negra na mídia hegemônica. Concluem que o *podcast* se torna um quilombo virtual para tratar de questões fundamentais às mulheres negras: lugar que educa e traz pautas fundamentais contra hegemônicas, tendo potencial pedagógico. Avaliam o discurso de episódios sobre a elaboração da raiva, considerando o contexto da criação e estereótipos de gênero, do ser mulher, e imagens de controle para as mulheres negras. Além disso, acionam reflexões pessoais no texto, com experiências de silenciamento e opressão por estereótipos e controle.

O debate é enriquecido com Paulo Lopes e Márcia Silva (2023) na análise do *podcast Nia*, de mulheres negras, em que a discussão de gênero é também interseccionada, dando destaque à história, cultura e resistência das mulheres negras. Trazem abordagens sobre cultura oral e feminismo negro. Autor e autora mostram como o *podcast* operacionaliza questões caras

ao feminismo negro, dando protagonismo a grupos negros para reivindicar pautas coletivas e narrativas próprias por meio da oralidade, que desempenha importante papel nas culturas africanas e diaspóricas.

Sobre o *podcast Ondas da Resistência*, as locutoras Maryellen Crisóstomo e Tâmara Terso, juntamente com Paulo Melo (2022), refletem a produção do programa com abordagem interseccional e decolonial, pensando gênero, raça, território e classe. O protagonismo está nas mulheres quilombolas, negras, indígenas, ribeirinhas. Os autores pensam “gênero” sem separar corpo e território: para eles, mulher é quilombo, uma existência formada por outras múltiplas existências, que envolve o espaço vivido e questiona a universalidade de categorias identitárias. O programa trata existências e resistências de mulheres em âmbito rural, de povos e comunidades tradicionais, demonstrando que elas sustentam o coletivo¹². Ao problematizar “mulher” como gênero hegemônico, branco e europeu, indicam o quilombo como território que possibilita experiências de desconstrução/construção do gênero, na experiência do *podcast*.

Phellipy Jácome, Bárbara Matias e Jessica Santos (2023) se somam ao debate preto e de olhar decolonial na análise dos *podcasts* jornalísticos *Praia dos Ossos*, *História Preta* e *Conversa de Portão*. A categorial de gênero está em perspectiva anti-colonial, interseccionada com raça, relacionada à política e direitos das mulheres, sendo essencial para análise dos objetos, para interpretar o passado a partir de novos movimentos e para vivenciar o presente. Concluem que estes programas são exemplos que promovem novas relações com a memória, dando luz a histórias possíveis, com estratégias de mobilização das fontes e reflexão por meio de arquivos midiáticos.

Chalini Torquato (2023) pluraliza o debate ao observar a discussão da não-binaridade na podosfera. Em episódios sobre o tema, verifica os significados culturais assumidos de gênero, que impõem enquadramentos em uma estrutura de poder, com referência a Judith Butler, para quem a binariedade de gênero condiciona subjetividades, estabelece e vigia funções sociais. No trabalho, traz aparato teórico sobre a não-binaridade e opta pela escrita a linguagem neutra (também fundamentada). A análise mostra que os significados de “não-binaridade” são acionados em práticas de autodeterminação compartilhada, compartilhamento de violências vividas, em conceituações, nas representações na mídia e instituições de opressão.

¹² Em mais de um momento trazem o conceito de “matricomunidade”, por exemplo.

Observando outro atravessamento, sobre mulheres que já foram encarceradas e os estigmas que as acompanham, Paula Gorini Oliveira (2023) trata de experiência vivida com mulheres a partir da escrita de cartas com seus depoimentos, que geraram o *podcast* experimental *Rádio-Carta Mulher*. Gênero aparece a partir da visão decolonial e interseccional de Patricia Hill Collins e Sirma Bilge, ao avaliar o tratamento de mulheres encarceradas, da própria mulher pesquisadora. Na análise, mostra elementos de exclusão e violência vividas por essas mulheres. A escolha teórica é atravessada pela vivência pessoal da pesquisadora, com referências sobre afetos e comunicação por cartas, e ela trata com autores negros as estratégias de morte e silenciamento dessas mulheres. O cárcere aparece como outro sistema de opressão, que passa a marcar subjetividades.

Dos artigos levantados, Carolina Brito, Gabriela Perry, Marlise Santos, Carolina Nodari e Marcia Barbosa (2023) são as únicas que trazem abordagem exclusivamente quantitativa, analisando o perfil de alunos e ouvintes das videoaulas do curso “Feminismos: algumas verdades inconvenientes”, que também foi veiculado em forma de *podcast*. O conceito de gênero é observado na estrutura do curso, e o texto apresenta e descreve os módulos temáticos e referências utilizadas para a discussão. O foco do artigo é o perfil dos alunos e alunas do curso, e não o *podcast* em si.

Observando tal panorama, percebe-se que estudos sobre *podcasts* com ênfase na discussão da população negra, em especial produzidos por mulheres negras, recorrem ao embasamento na Teoria Interseccional e no Feminismo Negro, e de forma recorrente as autoras e autores dos artigos se fazem presentes no texto com suas vivências. Em menor número, tal eixo é articulado com a discussão decolonial. Quando a interseccionalidade não é o foco, a referência mais repetida é Judith Butler para discussão de gênero na sociedade. Além disso, são menos presentes pesquisas que abordam diferentes realidades como “não-binaridade” (Torquato, 2023) e “transexuais”, aparecendo somente em uma das mulheres que passaram pelo cárcere, em Gorini Oliveira (2023).

4. Conclusões e considerações para pesquisas futuras

A presente pesquisa realiza um exercício de olhar para epistemologias dos estudos sobre *podcasting* e gênero nos artigos científicos de revistas brasileiras da Comunicação, para compreender *quem* são os e as responsáveis por produzir o conhecimento sobre o tema e *sobre o que* investigam, especificamente, quando tratam de observar gênero em suas pesquisas. Da

mesma forma, busca reunir *como* constroem suas investigações considerando caminhos metodológicos e eixos teóricos acionados.

O baixo número de artigos encontrados pode aparentar que a questão de gênero é, como tema central, de interesse recente nas pesquisas sobre *podcast*, considerando a primeira publicação em 2020. Considerando a relevância dos dossiês para concentram temas de interesse segundo tendências contemporâneas das pesquisas, percebe-se a atualidade da perspectiva de gênero em *podcasting* e sua importância para o campo. Os achados também demonstram a necessidade desta abordagem, visto que após 2022, principalmente a partir do dossiê temático *Rádio e gênero* da *Radiofonias*, a quantidade de artigos por ano se multiplica: 7 em 2022, outros 7 em 2023, sendo que é possível existirem ainda mais em 2024. Um dos fatos que pode estar relacionado à baixa quantidade de pesquisas é o baixo número docentes de pós-graduação que atuam no campo do rádio e mídia sonora (Kischinhevsky et al., 2021), que somando à especificidade dos estudos sobre gênero, pode indicar menos pesquisas orientadas para o tema.

Além disso, *podcasters* mulheres que iniciaram carreiras acadêmicas nos últimos anos tomaram destaque, como Aldenora Cavalcante do *Malamanhadas podcast*, Aline Hack¹³ do *podcast Olhares*, Alice dos Santos Silva do *Hora queer/Doutora Drag*, assim como Maryellen Crisóstomo e Tâmara Terso, locutoras do *Ondas da Resistência*, e Paula Gorini Oliveira que participou da feitura do *podcast Rádio-Carta Mulher*. Ou seja, somente nos recentes anos estas mulheres ocuparam o espaço acadêmico, e são elas as principais responsáveis por diversificar o tema e as vozes na discussão sobre o *podcasting*.

No presente estado da arte, *podcasts* feitos por minorias de gênero, sexualidade e raça são avaliados como incentivadores para a entrada de mais vozes neste meio, estabelecendo o formato não só como mídia, mas como comunidade. Isso é observado, por exemplo, em artigos sobre feminismos em rede, uma vez que mesmo não se nomeando feministas, mulheres *podcasters* fomentam um espaço plural e mais inclusivo na podosfera. Os resultados também apontam *podcasts* como territórios de potência para discussões sobre os temas de gênero, sexualidade e raça, e lugar de valorização de experiências marginalizadas, como ferramenta de fortalecimento de espaços seguros e busca pela igualdade na militância de minorias. Isso é observado principalmente nas partilhas de experiências vividas pelas *podcasters* e participantes

¹³ Organizadora do livro *Feminismos e Podcasts* (2022), que atende uma necessidade de dar luz à história do *podcasting* em relação à inserção de mulheres na podosfera.

dos programas, abordando facetas do cotidiano que denunciam violências e causando engajamento com relatos pessoais.

O levantamento demonstrou, ainda, que a autoria dos artigos e as referências utilizadas nas respectivas pesquisas sobre *podcast* e gênero são marcados por uma forte presença de mulheres pesquisadoras, muitas também *podcasters*. O olhar de mulheres, desde o surgimento dos *podcasting* (Castro, 2005), enfatiza a avaliação do *podcast* sob aspectos culturais, além de: como mídia alternativa capaz de fomentar uma potência política feminista, com características para a construção de intimidade e reforço de coletividade, e como mediador de lutas e resistência. Já a autoria de homens é mais acionada para tratar do *podcasting* a partir dos estudos pioneiros, ainda marcados por aspectos tecnológicos e midiáticos, ou como referências metodológicas mais clássicas, como a análise de discurso.

Cada vez mais vemos referências a mulheres pesquisadoras do rádio e mídias sonoras em geral, com o maior aparecimento das pesquisadoras Luana Viana e Débora Lopez. Nesta pesquisa, experiências de contribuição anteriores também marcam a importância de mulheres nos estudos de mídias sonoras, colaborando para o amadurecimento de nossos olhares.

Os artigos observados se complementam de certa forma. O caráter aproximativo do *podcast*, formato capaz de causar identificação entre produtoras e ouvintes, é frequentemente acionado no olhar para mulheres brancas e negras, e pessoas LGBTQIAPN+ envolvidas na podosfera. A dificuldade de acesso à internet e tecnologias é também citada como aspecto comum da exclusão de grupos invisibilizados neste meio, mas especialmente com Crisóstomo, Melo e Terso (2022) vemos como é possível esperar e adequar os *podcasts* para processos comunicacionais em territórios quilombolas, em contexto restrição de tecnologias.

Um entrave para a reflexão foi a dificuldade de acessar a identificação interseccional da autoria dos trabalhos, quanto a perceber, por exemplo, relações de gênero com raça, regionalidade e classe. Aspectos que também atuam, em pesquisas implicadas, em sutilezas ou presenças das avaliações dos pesquisadores, mostrando análises desde dentro, a partir de experiências de vida. Um exercício epistemológico mais detalhado também demandaria considerar outras questões que não observadas aqui, por exemplo a respeito dos contextos de produção: se os programas de pós-graduação a que se vinculam as autorias possuem linhas de pesquisa ou grupos de estudo fortes nos temas de *podcasting* e/ou gênero, e qual o grau de escolaridade dos e das autoras. Outro ponto que pode ser investigado futuramente é a relação dos artigos com formas de financiamento ou projetos de pesquisa mais amplos.

Por fim, a pesquisa buscou complementar investigações anteriores que constroem o Estado da Arte das pesquisas em *podcast*. O presente levantamento é um registro histórico da produção do conhecimento sobre este campo atravessado pelas questões de gênero, em esforço de reunir artigos científicos que são formato, normalmente, espalhado em diversas revistas científicas, em um fluxo contínuo ou por demandas de temas específicos. Ressalto que, neste e em outros levantamentos, ainda é escassa a discussão de gênero a partir de olhar mais diverso, como apontado nos contextos da não-binaridade e transgeneridade, além de olhares interseccionados com sexualidade, que ainda aparecem em menor número.

As experiências observadas levam a concluir que a presença de mais mulheres, negras e não-negras, bem como de pesquisadores LGBTQIAPN+, que ocupam a investigação sobre *podcasting*, resulta em pesquisas mais plurais, sendo movimento necessário para complexificar as investigações em Comunicação. Precisamos ir além da observação de produtos midiáticos e análise de seus conteúdos, para alcançar usos sociais, atravessamentos cotidianos, transformações e demandas dos sujeitos que, por meio dos *podcasts*, lutam contra a discriminação, a violência, a exclusão e a morte. Ficam alguns questionamentos: Será que textos provenientes de instituições de uma região estudam mais *podcasts* localizados nesta mesma localidade? Existe relação entre as bolsas de financiamento e o aumento das pesquisas nos últimos três anos? Que barreiras ainda atuam para que tenhamos poucas pesquisas sobre o tema? Que impedimentos não deixam outras vivências de gênero e raça atingirem esses espaços de produção de conhecimento?

Referências

- BITENCOURT, E.; TORRES, C. S. D. Representação Feminina em Animações Japonesas e sua Problemática: uma Análise do *Podcast* Otaminas. **Anagrama**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 1-18, 2021.
- BRITO, C.; PERRY, G. T.; SANTOS, M. B.; NODARI, C.; BARBOSA, M. Análise do perfil de ouvintes e dos módulos mais populares do curso online “feminismos: algumas verdades inconvenientes”. **Organicom**, São Paulo, v. 19, n. 40, p. 151-164, 2023.
- CARLOS, L. A. da S.; SANTOS, M. S. T. Ativismos feministas: as apropriações da mídia *podcast* para a mobilização e o empoderamento de mulheres no ciberespaço. **Intercom**, São Paulo, v. 46, 2023.
- CASTRO, G. G. S. Podcasting e consumo cultural. **E-Compós**, [S.l.], v. 4, 2005.
- CAVALCANTE, A. T. V. S.; REIS, A. I. A influência do feminismo negro na podosfera brasileira. **Radiofonias**, Mariana, v. 13, n. 1, p. 97-127, 2022.
- COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.

COUTO, A. L.; MARTINO, L. M. S. Dimensões da pesquisa sobre *podcast*: trilhas conceituais e metodológicas de teses e dissertações de PPGComs (2006-2017). **Revista Rádio-Leituras**, v. 9, n. 2, p.48-68, 2018.

CRISÓSTOMO, M.; MELO, P. V.; TERSO, T. TICs, raça, mulheres e territórios: o *podcast* Ondas da Resistência como ocupação das plataformas digitais em uma perspectiva interseccional. **Revista Fronteiras**, v. 24, n. 1, p. 37-51, 2022.

GONZATTI, C.; KOLINSKI MACHADO, F. V. Um Milkshake Chamado Wanda: O *podcast* e a discussão de gênero no jornalismo de cultura pop. **Radiofonia**, Mariana, v. 11, n. 1, p. 160-181, 2020.

GORINI OLIVEIRA, P. Carta para ELAS: um estudo sobre práticas de comunicação não-hegemônica para mídia sonora. **Pauta Geral**, [S. l.], v. 10, n. 1, 2023.

HACK, A. (org.). **Feminismos e podcasts**. São Paulo: Blimunda, 2022.

HACK, A.; LIMA, A. Pereira de. Militância *Podcaster* Feminista: Um Exercício Etnográfico. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 25, n. 3, p. 340-360, 2022.

HARDING, S. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 7-32, 1993.

JÁCOME, P.; MATIAS, B. M. L.; SANTOS, J. K. de A. Temporalidades anticoloniais nos *podcasts* Conversa de Portão, Praia dos Ossos e História Preta. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 20, n. 2, 2023.

KISCHINHEVSKY, M.; LOPEZ, D. C.; MUSTAFÁ, I.; FREIRE, M.; CONSCIENTE, P.; COUTO, L. L. do. A inserção dos estudos radiofônicos e de mídia sonora na pós-graduação em comunicação no Brasil. **Radiofonias**, Mariana, v. 12, n. 3, p.6-27, 2021.

LEMONS, André. **Podcast - Emissão Sonora, Futuro Do Rádio E Cibercultura**. Disponível em: <http://saladeaulainterativa.pro.br/moodle/mod/book/view.php?id=2274>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LOPEZ, D. C.; BETTI, J. C. G.; FREIRE, M. EPISTEMOLOGIAS DOS ESTUDOS RADIOFÔNICOS: construir a pesquisa com lentes plurais. In: ANAIS DO 33º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2024, Niterói. **Anais eletrônicos...**, Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/epistemologias-dos-estudos-radiofonicos-construir-a-pesquisa-com-lentes-plurais?lang=pt-br>>. Acesso em: 14 fev. 2025.

LUGONES, M. Subjetividad esclava, colonialidad de género, marginalidad y opresiones múltiples. In: Montes, Patricia (ed.) **Pensando los feminismos en Bolivia**. Serie Foros 2. La Paz, Conexión Fondo de Emancipación, 2012, p.129-140.

MARTINELLI, F.; BUOGO, S. “Do lugar da ouvinte, nasceu a *podcaster*”: experiências, competências e atuações de mulheres na podosfera. **Revista Eco-Pós**, v. 26, n. 2, p. 385–407, 2023.

OLIVEIRA, D. B. Experiência estética em ambiente de partilhas: interações de ouvintes e *podcasters* do AFETOS e Não Inviabilize. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Universidade Estadual Paulista, Bauru. 2023.

PRATA, N.; AVELAR, K.; MARTINS, H. C. *Podcast*: trajetória de pesquisa e temas emergentes. **Comunicação Pública**, v. 16, n. 31, 2021.

PRIMO, A. F. T. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, n. 13, 2005.

RAGO, M. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pensamento Feminista brasileiro**: formação e contexto. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

SALES, S. C.; NUNES, P. de S. Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast. **Revista Temática**, v. 18, n. 3, 2022.

SILVA, A. dos S.; MALTA, R. B. Mulheres *podcasters*: atuações feministas na podosfera brasileira. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 21, n. 39, 2022a.

SILVA, A. dos S.; MALTA, R. B. Vozes Femininas nas mídias sonoras: intersecções entre trabalho e relações de gênero. **Radiofonias**, Mariana, v. 13, n. 1, p. 69-96, 2022b.

SILVA, G. N. da.; PINHEIRO, R. A. A pesquisa sobre *podcasting* na perspectiva de gênero: um olhar para os trabalhos apresentados na Compós. **Radiofonias**, Mariana, v. 13, n. 1, p. 40-68, 2022.

TORQUATO, C. A não-binaridade em *podcasts* brasileiros: existências políticas dissidentes, diálogo e construção da autodeterminação identitária. **Ação Midiática**, [S. l.], v. 25, n. 1, 2023.

VAZ CHAGAS, L. J.; VIANA, L.; SILVA, A. C. Plataformização e rádio expandido: as redes coletivas de *podcasts* no contexto das plataformas. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, [S. l.], v. 22, n. 44, 2024.

VIANA, L. Estudos sobre *podcast*: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 3, 2020.